

**GILL THOMPSON**

**O  
COMBOIO  
DA  
ESPERANÇA**

**TRADUÇÃO  
FÁTIMA CARMO**

 **Planeta**

À Leonie e Corinne,  
Com todo o amor da avó que vos adora



*Se compreender é impossível, conhecer é necessário,  
pois o que aconteceu pode suceder de novo.*

PRIMO LEVI



## Prólogo

Praga, 1930

Eva tinha arrastado para trás o banco do piano e estava prestes a guardar as pautas na pasta quando o professor Novotny ergueu a mão para a deter.

– Só mais um minuto, querida. – O dedo fino apontava o céu, numa imitação de número. – Há uma peça que gostava que levasse para casa.

Enquanto o professor vasculhava na enorme pilha de manuscritos sobre o piano, Eva olhou de relance para o relógio de madeira na parede. Quatro e meia. Esperava que ele não demorasse muito. A sala de ensaios do Conservatório estava já mais sombria do que no início da aula e as sombras alongavam-se no chão. *Vá lá. Vá lá.* Pousou as pontas dos dedos nas teclas amarelas, deixando que o frio do marfim a acalmasse.

– Ah, aqui está ela! – O professor Novotny sibilava, do esforço de encontrar a partitura. – Hector Berlioz. É uma *villanelle* de *Les Nuits d'Été*. Uma das suas peças menos conhecidas. – Acendeu a lâmpada do teto e a sala iluminou-se.

– Uma *villa... nella?* – Apesar da sua ansiedade com a hora, Eva sentiu-se intrigada. Ergueu-se quando o professor lhe fez sinal para ceder o seu lugar ao piano e pôs-se de pé ao lado do teclado, à espera de ver o professor Novotny tocar.

– Sim. Uma canção italiana secular. – O professor deixou-se cair no banco almofadado com um ruído surdo. – Esta é uma celebração da primavera e do novo amor. Uma peça perfeita para uma jovem. – Pegou

nos óculos de aros redondos e pretos que pendiam de um fio ao pescoço, colocou-os como que para começar a tocar, e depois retirou-os de novo. Os óculos oscilaram, presos ao cordão. – Vai haver um concerto no Rudolfinum no próximo ano, uma homenagem à obra de Berlioz. Pensei que podias tocar a *villanelle* na tua primeira apresentação como solista.

Eva inspirou profundamente, indignada, mas o professor fez um aceno desvalorizador com a mão.

– Aqueles concursos infantis não contam.

Aqueles *concursos infantis!* Ela endireitou as costas. Não os tinha vencido todos? Até o prestigiado Prémio Dvořák para Jovens Talentos. Assomou-lhe ao espírito a recordação do momento em que erguera a pesada taça de metal e ouvira um *crescendo* de aplausos.

O professor encostou as folhas dobradas às pinças metálicas do atril.

– Vou tocar-te uma parte. Volta-me as páginas, por favor. – Os óculos estavam de novo encavalitados, em posição.

Eva colocou-se atrás do professor, tentando permanecer imóvel: seria indelicado parecer impaciente. Mas mentalmente pedia ao professor Novotny que tocasse apenas uns compassos. Ela sabia que o mestre lhe exigia mais por ter orgulho na sua discípula, e ela fazia o melhor que podia, mas os ponteiros ornamentados do relógio marcavam agora vinte para as cinco. E hoje era, de todos os dias, aquele em que não podia mesmo atrasar-se.

– Escuta. Vais ouvir os amantes a caminharem pelo bosque, para apanharem morangos silvestres.

Eva enrubesceu ao ouvir a palavra «amantes». Por vezes, o professor Novotny falava-lhe como se ela tivesse mais de dezasseis anos. Mas quando ele começou a tocar, ela ouviu realmente o som leve e rápido de passos e sentiu a frescura da brisa primaveril na face.

Espreitou sobre o ombro do professor. Sob os seus dedos finos, as notas impressas que saltavam pelo manuscrito transformavam-se numa melodia airosa. Provocadora, alegre. Eva sempre vira as notas como pessoas. As linhas de colcheias agrupadas – as notas breves – eram filas desengonçadas de rapazes com chuteiras demasiado grandes nas

extremidades das pernas escanzeladas; ou um grupo de dançarinos muito direitos, com sapatos pretos, a dançar a *Lúčnica* de braço dado. As semínimas – duas vezes mais longas do que as colcheias – eram professoras, direitas como um fuso em frente de uma turma. E as mínimas, longas, eram generais poderosos, reclamando a atenção dos exércitos com a sua imobilidade. Mas, se Eva fosse uma nota, seria uma nota realmente longa: uma breve, forte e solitária, rodeada de espaço e silêncio.

O professor acabou de tocar com um gesto teatral da mão, e depois entregou-lhe a partitura.

– Trabalho de casa. Começa hoje.

As notas pairaram no ar antes de a promessa primaveril da melodia ser suavizada pelo crepúsculo outonal que se instalava. O Sol devia estar ainda mais baixo, agora. Eva sentiu o estômago apertar-se. Na cabeça, começou a ouvir um ritmo de *allegro*.

Lançou o manuscrito para a pasta e vestiu o casaco.

– Obrigada, professor Novotny. Estudarei, sim.

– Certifica-te de que o fazes. Quero ouvir-te tocá-la na perfeição, na próxima aula.

– Claro. – A mão de Eva estava já na maçaneta, a superfície polida e oleosa sob os dedos. Olhou de novo para o relógio. Quase cinco. Aquela *villanelle* tinha roubado ainda mais tempo do que ela percebera. Teria de correr como um cão-lobo.

– Adeus, minha querida.

– Adeus, professor Novotny. E obrigada pela aula.

O professor fez uma vénia e a luz que ele acendera iluminou-lhe a cabeça calva. Eva desapareceu.

Correu pelas ruas sombrias com a pasta da música presa debaixo do braço, o peito a arder, a respiração ofegante. No entanto, apesar da pressa, a música de Berlioz soava-lhe ainda na cabeça, e ela acertou o passo com os acordes tocados pelas mãos com manchas do professor Novotny. Ela corria pelos bosques com o amante, fugindo dos limites sufocantes da cidade, os sentidos despertos para os sons das aves e para o aroma



agridoce dos morangos. Sentia a respiração do rapaz no pescoço, a boca dele nos seus lábios, talvez – se não estivesse já corada, teria enrubescido – o corpo dele contra o seu. Só o cheiro penetrante a café que se escapava por baixo da porta do Kotva a fez recordar-se de onde estava. Ao passar rapidamente em frente da cafetaria, viu formas sombrias erguerem chávenas até aos lábios, gesticularem enquanto conversavam ou exalarem plumas de fumo de *Stuyvesants*, cujas pontas brilhavam, rubras, nas sombras. Que bom seria poder demorar-se à mesa com amigos, em vez de ter de correr para casa por causa do recolher obrigatório.

Eva relanceou o Sol que se afundava. A *Mutti* já devia ter terminado as lides domésticas e teria o *challah* cozido, a repousar sobre o pano de renda, a crosta enrugada e roliça a brilhar das pinceladas de gema e a emanar um aroma irresistível a pão acabado de fazer. Já teria posto o seu vestido cinzento, ocultado o cabelo sob o véu fino e descido para acender as velas, cujos castiçais de prata reluziam, polidos também por ela.

O *Abba*, envergando o seu fato preto brilhante e o *talit*, o manto de oração, teria enchido o cálice do *kidush* com vinho doce, os lábios ensaiando a bênção para as filhas que diria mais tarde, com as mãos pousadas sobre a cabeça de Eva:

*Que sejas como Sara, Rebeca, Raquel e Lia.*

*Que Deus te abençoe e guarde!*

*Que Deus te mostre o Seu rosto brilhante e tenha piedade de ti!*

*Que Deus te mostre o Seu rosto e te conceda a paz!*<sup>1</sup>

Se o *Abba* tivesse tido filhos, pediria a Deus que os tornasse como Efraim e Manassés, dois irmãos que viveram em harmonia. Mas não tivera filhos. Apenas Eva. Uma filha única adorada.

Do Vltava erguia-se uma bruma, e Eva inalou o ar húmido ao apressar-se ao longo do passeio. Não podia arriscar-se a parar para tossir, por isso tentou pigarrear, em respirações curtas, enquanto corria. Não

<sup>1</sup> Números: 6:24-26. (*N. da T.*)

estava habituada a correr tão depressa. A maior parte das vezes a aula terminava a horas, por isso podia caminhar até Josefov através de ruas bem iluminadas. Mas, com o pôr do Sol iminente, teria de considerar o trajeto mais curto para casa, que atravessava o cemitério.

Sentiu pulsar em si um ritmo *mosso* animado. Deveria arriscar? Talvez os portões fechassem à hora do recolher obrigatório. A *Mutti* dissera-lhe vezes sem conta para não sair das ruas principais. Estariam cheias de gente, a caminho de casa depois do trabalho. Um caminho mais longo mas mais seguro. No entanto, Eva deteve-se no passeio e perscrutou o caminho sinuoso entre os túmulos. As lápides antigas estavam apinhadas como se as sepulturas tivessem sido cavadas à pressa, e não em filas ordenadas como num cemitério moderno. O vento abria caminho através das árvores, fazendo estremecer os ramos. Para abafar os saltos do coração, Eva imaginou-se a tocar no Rudolfinum, num *Steinway* preto reluzente, perante uma assistência que, nas sombras, se maravilhava em silêncio com a sua execução.

Empurrou com a palma da mão um dos portões metálicos e ele cedeu lentamente. Talvez fosse um sinal de que podia ir pelo cemitério. Poderia recuperar assim parte do tempo perdido.

Tentando retomar a melodia de Berlioz, renovar a emoção da primavera e apagar os receios do outono, esgueirou-se pelo portão. Já tinha caído orvalho e as folhas estavam húmidas sob os sapatos. As trepadeiras prendiam-se-lhe às meias e tinha de sacudir os pés para se libertar. Seria absurdo correr: as lápides estavam demasiado juntas e o caminho era demasiado sinuoso. Mas apressou o passo, com os sentidos desbertos para o perigo.

Dentro do cemitério, os altos castanheiros-da-índia e sicómoros filtravam os raios baixos do Sol. As lápides erguiam-se dos dois lados do caminho, gravadas com símbolos antigos e caligrafia antiquada. O *Abba* dissera-lhe em tempos que algumas campas tinham até dez cadáveres, postos uns por cima dos outros para poupar espaço. Apesar de ter um casaco de sarja vestido, Eva estremeceu.

Ia já a meio do caminho quando ouviu passos surdos de botas, um riso rouco, uma tosse grave. Deteve-se.

– Quem está aí?

Nenhuma resposta, mas além das pedras sombrias ela vislumbrou uma roupa acastanhada. Sentiu o sangue ribombar nos ouvidos, *affretando*.

– Quem está aí? – perguntou de novo. A voz saiu rouca.

De trás de uma árvore, surgiu uma figura de uniforme. Um jovem, talvez perto dos vinte, com uma melena de cabelo loiro caída sobre a fronte.

– O que temos aqui? Uma jovem? – O tom era brejeiro, de troça.

Eva apertou mais o casaco em torno de si, tentando ignorar o galopar do coração.

Avançou outro jovem. E depois outro. Ela girou sobre os calcanhares. Havia mais dois atrás de si. Estava rodeada por cinco jovens soldados, todos com a braçadeira vermelha.

Seria aquilo que a *Mutti* temia, quando a avisara para não entrar no cemitério? Na altura, Eva acenara solenemente, mas não dera grande crédito ao conselho da mãe. Todos os pais diziam coisas daquelas, não era? Claro que ela tinha cuidado. Embora nos últimos tempos Eva se sentisse desconfortável ao ver rapazes alemães às esquinas, a murmurar entre si e a apontar para os transeuntes. A Juventude Hitleriana parecia estar por toda a parte, nos tempos que corriam.

Rodeada por um círculo de jovens ameaçadores a envergarem os seus uniformes característicos, desejou desesperadamente ter dado ouvidos às palavras da *Mutti* e ignorado o seu atraso. Sentia a saliva acumular-se na boca, e a garganta demasiado apertada para engolir.

O primeiro jovem avançou na sua direção.

– Não tenhas receio, minha linda.

Eva manteve-se firme, tentando não mostrar medo. Mas quando abriu a boca para gritar por socorro, o jovem estendeu o braço e cobriu-lhe os lábios com a palma da mão.

Eva lançou olhares aterrorizados aos outros jovens.

A pressão dos dedos do jovem afrouxou, mas manteve a mão junto da boca dela, para o caso de tentar gritar de novo.

Ela cerrou os punhos.

– Que belas roupas – murmurou ele, baixando a mão para acariciar o casaco dela. Eva não conseguiu impedir-se de se retrair. Nem de sentir o hálito acre dele.

Lentamente, ele desabotoou-lhe os botões cinzentos.

Os outros rapazes observavam, expectantes.

– Agarrem-lhe nos braços.

Eva debateu-se quando o jovem tentou retirar-lhe o casaco. Mas o rapaz atrás dela agarrou-lhe nos pulsos, até a peça de vestuário ser tirada com violência e lançada ao chão.

O jovem adiantou-se de novo. Tocou suavemente no rosto de Eva, depois passou o dedo sob o queixo, pelo pescoço e mais abaixo, até ao côncavo da garganta. Com cuidado, seguiu com o dedo o fio de ouro que ela usava sempre. Eva sentia-se fascinada, apesar do medo.

– Que belo fio. – Foi quase um murmúrio.

Queria roubá-lo? Eva levou também a mão ao fio, engançando um dedo sob os finos elos metálicos e depois puxando toda a corrente, para que ele visse a estrela de ouro na ponta, a estrela que habitualmente andava escondida sob a blusa.

Com gentileza, o rapaz retirou-lhe a estrela da mão, abrindo-lhe os dedos um a um, e ergueu-a à luz fraca.

Eva sentiu o fio cravar-se na parte de trás do pescoço. Calou um protesto de dor.

– Que interessante. – Os olhos do rapaz perscrutavam o rosto de Eva, mas as palavras eram dirigidas aos companheiros, que troçaram e riram.

O encanto quebrara-se. O rapaz soltou o fio com brusquidão.

– Não me serve. – A expressão tornou-se mais dura e ele empurrou Eva para longe de si. – É toda tua, Otto.

Voltou-se e, com um gesto, indicou ao mais pequeno dos jovens que se aproximasse.

Eva soltou a respiração há muito sustida tão silenciosamente quanto conseguiu. Atrever-se-ia a fugir? O primeiro rapaz estava agora de costas para ela; talvez aquela fosse a sua oportunidade. Baixou a cabeça para tomar balanço e começou a correr.

Mas, à medida que o rapaz mais pequeno era empurrado em frente pelos seus companheiros zombeteiros, o círculo apertava-se para o impedir de fugir e aprisionou também Eva.

O rapaz aproximou-se dela. Era franzino, tinha um cabelo tão louro que era quase branco e pestanas tão claras que quase não se viam.

Se estivesse sozinho, Eva poderia ter-se defendido. Não era covarde. Teria dado pontapés, murros e teria cuspidido até o rapaz a libertar. Mas rodeada por uma parede lasciva de soldados, não tinha hipótese. Levou a mão atrás de si, os dedos a tatearem o cimo de uma lápide, em busca de uma arma. Mas mesmo que tivesse havido em tempos pedras colocadas sobre o topo, já tinham desaparecido há muito.

– Então, Otto, não estás com medo, pois não? – O primeiro jovem, que recuara e fazia agora parte da parede, incentivava o rapaz que se encontrava agora em frente de Eva.

– Pois, vá lá, Otto, já temos os tomates a congelar.

O rapaz riu-se, o som estridente da casquinada denunciou o seu nervosismo.

Embora os jovens falassem alemão, Eva compreendia-os perfeitamente. Todas as famílias do bairro Josefov falavam alemão em casa. Sentiu um nó no estômago e a respiração tornou-se difícil, no ar frio.

– Por favor, não me faça mal. Os meus pais estão à minha espera. – A voz dela saiu num fio, débil. Porque não conseguia parecer ameaçadora? Talvez pudesse apelar ao sentido de honra do rapaz. Ele parecia hesitante, talvez ela conseguisse persuadi-lo. Se ele percebesse como era importante ela ir para casa, poderia deixá-la em paz.

Mas os outros jovens vaiavam e gritavam, fazendo gestos estranhos com as mãos, e o rapaz reagiu aos insultos. Estreitou os olhos e a boca apertou-se numa linha ameaçadora. Escarrou e cuspiu para a cara de Eva. Ela deixou que o cuspo escorresse pela sua face, demasiado atarrada para o limpar.

O jovem puxou o fio de Eva e este partiu-se de imediato, caindo sobre as folhas de outono. O grupo gritou em unísono.

Um outro jovem arrancou-lhe a blusa num movimento violento. Novo grito de júbilo.

Depois lançaram-se todos a ela, arrancando-lhe a saia e as meias num frenesi, com os rostos suados e tensos desfigurados ao luar, o ar carregado do cheiro a cerveja. Ao mesmo tempo, entoavam aquela mesma canção de bêbedos, horrível, que tinham estado a gritar antes, bemóis numa cacofonia terrível.

Eva pôs os braços com força à volta do peito, protegendo, em desespero, a camisola interior creme. Mas alguém lhe pegou nas mãos e forçou-a a abrir os braços, arrancando-lhe em seguida a camisola, o tecido delicado que a *Mutti* tinha cosido à mão rasgando-se sob os seus dedos.

Em seguida, empurraram-na para trás e forçaram-na a deitar-se sobre o seu casaco, a cabeça batendo no forro macio.

Depois os rapazes lançaram-se de novo a ela.

Mais tarde, foi uma coruja que primeiro penetrou a sua consciência, piando tristemente no ar frio. Os seus dedos enterraram-se na terra molhada; inalou o odor húmido das folhas. Mas o cheiro animal do seu sangue sobrepunha-se. Enrolou o corpo magoado numa bola, tentando afastar o miasma negro e a recordação do riso nervoso do rapaz.

A hora da bênção do Sabat já passara havia muito. Os ansiosos pais de Eva estariam a uma mesa vazia, perguntando-se sem cessar onde poderia ter-se metido a filha adorada, quando ela sabia que todos os bons judeus tinham de estar em casa antes do escuro, naquela que era a mais santa das noites.